

LINGUASAGEM

SOBRE O QUE NEM SEMPRE ENCONTRAMOS EM ARTIGOS E LIVROS QUE TRATAM DE ENSINO E SEU ENTORNO

Dirceu Cléber CONDE¹

Personagens do diálogo: Eulália e Cândido

Eulália: O que você tem para apresentar hoje?

Cândido: Professora Eulália, eu sinto muito em dizer isso, mas penso em desistir... eu juro que acreditava ser capaz, mas à medida em que leio e participo das disciplinas da pós-graduação fica cada vez mais difícil e não encontro um sentido para minha pesquisa e minha prática docente.

Eulália: Não se precipite. Essas crises precisam ser entendidas e talvez elas representem momentos de ruptura que dão lugar às outras posições. Diga-me: o que lhe incomoda tanto a ponto de fazer você querer desistir?

Cândido: Quando eu concluí o curso de Letras, acreditava muito que poderia ser um grande professor de Português e um grande pesquisador na área de ensino. Mas a realidade com a qual eu me deparei é bastante diferente: os alunos não gostam de ler, não se sentem empolgados com o conhecimento; tento aplicar tudo que aprendi na graduação e nada funciona. Ao mesmo tempo, tento aproveitar a experiência na pós-graduação, mas parece que nada se encaixa: minha pesquisa e minha prática parecem coisas opostas e até conflitantes.

Eulália: Vamos tratar um problema de cada vez. Primeiro, você reclamou do comportamento dos seus alunos. Eu já fui professora e nem gosto de usar aquelas expressões horríveis como “no meu tempo não era assim”, afinal cada tempo com o seu *time*. Acho que a gente comete um equívoco quando pensa que estar na sala de aula é

1

atrair a atenção para nós. Na verdade, a atenção deve ser dada aos conteúdos e às práticas. Acho muito vago esse tipo de reclamação. Indisciplina é um problema, mas é apenas um dos vários. Jogar a culpa nas gerações seguintes é sempre cômodo, mas não responde às causas. Às vezes ouço perguntas do tipo “como vamos competir com o mundo da tecnologia?”. Na verdade, essa própria pergunta já traz em si a pressuposição equivocada de que “estamos em uma competição”. Precisamos entender que a tecnologia é uma aliada. Olha o meu exemplo: uma vez fui fazer um vídeo com alguns alunos na década de 1990, tivemos que pedir emprestadas câmeras e ainda dependíamos do favor de uma pessoa para editar o vídeo. Hoje, nossos alunos podem gravar e editar no telefone celular ou no computador de casa! Claro que estamos falando de produzir coisas caseiras e simples. Você não concorda que se continuamos insistindo em que o computador é um editor de texto de luxo vamos ficar para trás? Se olharmos para o Mundo fora dos muros das escolas como um adversário, o jogo já está perdido... Inovar é preciso e precisamos tornar o ensino, minimamente prazeroso, pelo menos... Quando isso acontece, o problema da indisciplina começa a diminuir.

Cândido: Mas a senhora mesmo um dia me disse que a aprendizagem não é um oba-oba e que muitas pessoas deturparam vários conceitos... por exemplo, o conceito de lúdico achando que brincar é o suficiente para ser lúdico. E isso que acabou de me dizer, não é lúdico?

Eulália: Sim, eu disse isso e continuo defendendo essa posição, às vezes aprender é divertido e às vezes é doloroso, trabalhoso, repetitivo etc. Mas a oportunidade de aprender não precisa ser o tempo todo uma coisa só: o tempo todo chata ou o tempo todo uma brincadeira. Aliás, “chato” é uma questão relativa, porque depende do que você apresenta no quadro negro, nos slides, nos *handouts*. Depende daquilo que será diferente e instigante para os seus alunos e não se engane: você pode preparar a melhor aula do mundo, juntando o trapézio do Cirque du Soleil com estudo de anáforas no texto, e mesmo assim você vai se deparar com pelo menos duas reações entre seus alunos: fascínio ou indiferença. As duas reações são humanamente válidas. Por mais que você se esforce, eles são sujeitos que podem ou não se deixar cair no fascínio ou na indiferença. Essa ainda é uma escolha deles e é bom que eles possam escolher. Não se trata de prender a atenção dos seus alunos, porque às vezes nós nos cobramos muito nesse aspecto. Eles são livres, como no uso do celular: cada um usa um aplicativo diferente e de acordo com os seus próprios desejos, motivações etc.

Cândido: Então eu devo deixar a coisa acontecer, não me importar. Deixo que eles usem o celular na sala de aula? Assumo que a sala de aula é um espaço chato e dou uma aula chata? O que eu faço? Eu só quero uma receita para ensinar!

Eulália: Se eu ganhasse dez reais para cada vez que escuto essa mesma reclamação, eu já poderia me aposentar! Você se lembra de um filme antigo da década de 1990 chamado “Um sonho de liberdade”? Aposto que sim. Muitas coisas me chamaram a atenção no filme, inclusive o conceito de “institucionalização”. Só para refrescar a memória: um alto executivo de um banco foi julgado e condenado por um crime que não cometeu e, na prisão, ele se depara com um diretor e muitos guardas corruptos. Então ele elabora um plano para fugir, mas muitas outras coisas vão acontecendo. Uma delas é quando os detentos falam da institucionalização. Alguns presos ficaram tão institucionalizados que tentavam voltar para a prisão ou se suicidavam porque não se adaptavam às regras sociais de fora. Pois bem, eu sinto isso quando estou na escola. Sinto professores desmotivados, institucionalizados pelo currículo, pelo livro didático, por uma idealização da disciplina, pela pressão da avaliação, burocracias etc. Em um determinado momento, como os prisioneiros, eles passam a sentir que a liberdade é perigosa, que coisas novas são trabalhosas, que a nota no final do bimestre é o que vale a pena, que a nota é também uma moeda de troca, dentre outras mazelas. Acho que precisamos reestabelecer o equilíbrio, uma aula barulhenta não é sinônimo de indisciplinada; uma aula silenciosa não significa que todos estejam concentrados na difícil solução de um problema.

Cândido: Professora, por favor, me perdoa pela sinceridade, nós sempre fomos sinceros um com o outro e por isso estou com a senhora desde a iniciação científica, mas essas ideias tão libertárias na prática não funcionam no dia a dia da escola. Eu tentei implantar algumas práticas pedagógicas diferentes e desisti. As coisas melhoraram um pouco quando eu ameacei com nota, aí sim!

Eulália: Bom, sendo sincera também, eu digo que as coisas só melhoraram para a aparência institucional e por um período de tempo bem curto: o final da sua aula. Eu digo pelo seguinte: os alunos só se comportaram porque houve algum tipo de temor, isso não é de todo ruim, mas o temor foi só de não ter a boa nota. Eu gostaria que o temor tivesse sido o de não aprender. Por que alguém se recusa a colaborar com ordem e disciplina? Bem, eu diria que não existe uma causa apenas, mas um espectro inteiro de diferentes gradações de cores, mas que passam pelo mesmo prisma: quanto da escola faz sentido para os seu aluno? Quanto do que você ensinou ou tentou ensinar faz

sentido, se no final o objetivo é apenas tirar nota? Veja que essa pergunta não tem nada a ver com a escola suprir a família, isso é uma discussão eterna. Mas sou totalmente favorável que a escola seja um ambiente saudável no sentido de promover experiências de aprendizagem de conteúdos, de práticas e de vivências. Isso é possível quando a instituição olha para o indivíduo, não como mais um nas fileiras, como em uma linha de produção em que a peça desajustada deva ser retirada. Há diversas experiências que demonstram que alunos indisciplinados, quando recebem tarefas importantes passam a desempenhá-las de modo muito eficiente. Por que será que isso acontece? Porque encontraram sentido. Se a aula é só para tirar nota, é muito pouco o sentido que ela passa. Quanto de ciência ele aprendeu com você?

Cândido: Ciência? Eu sou professor de Português, Humanas! Os Parâmetros Curriculares, as Diretrizes não falam nada disso.

Eulália: Essa sua observação me choca! Você realmente leu os PCN? Como você interpretou a expressão “análise linguística”? Por favor, não interprete “análise linguística” como a versão moderna de “Gramática” ou como aplicação dos conceitos da Linguística moderna na sala de aula para alunos do sexto ano! Eu sei que muitas vezes os PCN parecem um fardo para alguns, mas tudo é questão de ponto de vista. A gente fica correndo de um extremo a outro, nos modismos da educação, e ficamos vestindo a teoria da moda. “O que importa é texto e o seu contexto, então vamos de coesão e coerência!” Então surge uma nova onda e diz: “Pensar no texto é muito estruturalista, temos que focar nos gêneros textuais, vamos ensinar gêneros!” Então levanta-se outro e diz: “Ensinar gêneros textuais não é suficiente. Temos que ensinar gêneros sobre discurso e gêneros discursivos!” Então, do outro lado, o professor pensa: “Eu vou é ensinar aquilo que convém ao aluno: tabela de verbos, acentuação, análise sintática”. E assim caminha a humanidade de um extremo a outro. E no fundo, as pessoas pouco percebem que, na verdade, tudo isso pode ser conhecimento linguístico, mas cada qual com especificidades. Vou ser bem sincera: já são quase cinco décadas de modismos tanto no ensino de português quanto nas demais práticas pedagógicas. E cada modismo prometia uma coisa diferente para nós e nada se cumpria. Sabe por quê? Porque teorias são meios e não fins, e a gente fica transformando teorias nos fins e ficamos pensando em aplicar essas teorias como se fossem uma panaceia. “Use o método X com os alunos e você irá transformá-los em cidadãos críticos!” Eu até hoje fico pensando o que é ser cidadão... e acho que não sei se é o produto da imaginação apenas de alguns intelectuais. O problema é isso: acharmos que com um toque de

mágica podemos transformar o ser humano, apesar de todas suas idiossincrasias; ou ainda pensamos que são como um pedaço de argila crua, pronta para ser moldada ao nosso bel prazer. No final das contas, o modismo na academia segue o princípio *fashion*: massificação. E não oferece oportunidades de aprendizagem e experiências metodológicas diferenciadas. Teorias devem ser pensadas e apreciadas, não idolatradas.

Cândido: Concordo, mas o que é uma oportunidade de aprendizagem para você?

Eulália: Bem, eu usei o plural nu: “oportunidades de aprendizagem”, isso significa que a aula de Língua Portuguesa deve prover o aluno de diferentes momentos de experiência. Voltando aos PCN... vou abrir meu computador e ler um trecho para você entender até onde quero chegar, ouça: “Por outro lado, não se podem desprezar as possibilidades que a reflexão linguística apresenta para o desenvolvimento dos processos mentais do sujeito, por meio da capacidade de formular explicações para explicitar as regularidades dos dados que se observam a partir do conhecimento gramatical implícito.” Na prática, aspectos linguísticos são desprezados em detrimento do texto e principalmente do texto escrito. Eu entendo que a nossa sociedade é grafocêntrica e precisamos desenvolver a competência na escrita e na leitura, mas isso não quer dizer que estas competências estejam dissociadas das demais competências do ouvir e falar. Vou lhe dar um exemplo mais concreto. Imagine que você esteja falando sobre ordem na frase, que o português é uma língua cuja ordem é dada preferencialmente pelo sujeito + verbo + objeto, tal como o inglês, francês, espanhol etc., mas que inversões são possíveis e que há um grupo de adjuntos adverbiais que podem ocupar posições diversificadas na frase. Bem, qual seria o melhor método para você mostrar isso? Talvez levar um conjunto de frases prontas, anotadas e puxar flechas para lá, para cá e impressioná-los com um vocabulário técnico. Isso seria improdutivo! E se os próprios alunos chegassem à conclusão de que a ordem pode ser variável por dedução a partir de um conjunto de dados linguísticos? E, além disso, se eles conseguissem chegar à percepção de que a topicalização de adjuntos nas frases têm uma grande importância na argumentação, e ainda mais: e se eles ainda percebessem que pode existir uma dada tendência de autores ou falantes que topicalizam os adjuntos em circunstâncias muito similares? Qual o ganho cognitivo isso traria? Bem maior do ponto de vista da experiência. Afinal, não foi um autor consagrado quem disse isso, eles criaram hipóteses, testaram essas hipóteses e, portanto, fizeram suas descobertas por si mesmos. Qual foi o seu papel? Justamente criar as condições. Por isso, a sala de aula é e

deve continuar sendo artificial, porque ela é o simulador de voo. Você não dá o manche de um Boing 747 para um piloto no seu primeiro dia de treinamento. A sala de aula é o simulador de voo.

Cândido: Professora, gostei da ideia, parece ser bem legal, mas como isso tudo se liga ao conteúdo e às competências que o estudante precisa desenvolver? E o aspecto social, histórico e ideológico?

Eulália: A primeira coisa a se considerar é que nem sempre todos os conteúdos são “aplicáveis” imediatamente. Veja o exemplo de Einstein, ele desenvolveu sua teoria e mais de cem anos depois é que conseguimos ter um experimento que comprovou certos princípios. Nem todo conhecimento precisa ser aplicado, ele precisa no mínimo fazer sentido. Essa história de que o conhecimento deve partir do aluno é interessante, mas não deve ficar só na imediação da vida do aluno. Um aluno do interior precisa saber o que é o mar, a Amazônia, a Antártida, outras culturas... e ele nem precisa se deslocar para ter essa experiência. Eu acredito que o maior ganho social acontece com qualquer conhecimento técnico e científico, porque quanto mais conhecemos mais sabemos sobre nós mesmos, mas isso não é garantia de um bom cidadão. Imagine um gênio déspota! Penso que a escola está muito sobrecarregada de tarefas. Às pessoas confundem crítica com doutrinação política e então vira aquela coisa: “todo movimento é legítimo, desde que não seja contrário ao meu!” Isso não é democracia e não é isso que se espera do professor em sala de aula. Veja, no nosso caso, a língua é a matéria com a qual trabalhamos nas mais diversas esferas e pouca gente olha para ela como objeto de uma ciência. Quando converso com pessoas que mal sabem o que significa a linguística, percebo o quanto de equívoco ainda existe em relação ao assunto. Confesso que o termo “linguística” só se tornou familiar para mim no final do primeiro ano de graduação e então um universo se abriu e hoje me pergunto por que esse mundo não havia sido descoberto no meu ensino médio, se várias ciências estavam lá representadas de alguma maneira? Pergunto-me se o fato de termos mais de seis mil línguas no mundo, se o fato de todas elas serem diferentes e parecidas ao mesmo tempo, se o fato de uma criança de cinco anos conseguir dominar com competência a sua língua materna, e tantos outros temas não são assuntos de interesse para a formação de um estudante. Já são mais de cinquenta anos de inclusão da linguística nos cursos de licenciatura em Letras e parece que nada disso chega aos bancos das escolas...

Cândido: Mas professora, desculpe interromper, isso é impossível de se trabalhar com os alunos. Eu fico me imaginando ensinar fonologia para meus alunos. Eu

era um desastre nessa disciplina... Imagina ensinar semântica, sintaxe, discurso, texto como a gente aprende na universidade?!

Eulália: Há alguns erros de conceito na sua fala. O primeiro deles é o de acreditar que o conteúdo deve ser simplesmente repassado; o segundo: você acredita que um assunto complexo não possa ser entendido por crianças e adolescentes; terceiro: porque você acredita que pelo fato de ter tido uma dificuldade os seus alunos também vão ter a mesma dificuldade. Vamos tratar cada um desses equívocos de cada vez. Muitas pessoas dizem que o conhecimento deve ser construído etc., mas poucas pessoas na verdade usam técnicas para isso, ou porque não sabem ou porque isso pode gerar um desconforto inicial. Contudo, imagine que você decidiu demonstrar para os alunos como os sons da fala são diferentes e como esse sistema tão complexo funciona e então você parte do exemplo mais prototípico em português: a oposição entre os fonemas /p/ e /b/, e então você diz aos alunos que se tratam de pares opostos em que um fonema é mudo e outro é sonoro e pede para eles descobrirem qual é o sonoro e o mudo nas outras consoantes. No entanto, eles não entenderam nada disso porque você simplesmente repassou conceitos para eles, você não os ajudou a construir os conceitos. Como se constrói algo do ponto de vista concreto? Você precisa de um objetivo, de material, de ferramentas e de um procedimento, mais ou menos o que acontece em um laboratório de biologia, química ou física, mas vamos usar algo mais prosaico... Imagine que você ira construir a Estrela da Morte da Lego, que é o seu objetivo; o material são as peças (diferentes formatos, tamanhos, cores etc.), as ferramentas são suas mãos e o procedimento está indicado no manual. Diante disso, você pode construir algo concreto. Imagine agora que você precisa ensinar aos alunos sobre os fonemas do português, mas não é possível falar de fonema sem o aparelho fonador. Simplesmente descrever o aparelho fonador com as ilustrações bidimensionais é algo abstrato e cria uma ilusão sobre o quê de fato acontece nele, pois nosso corpo é tridimensional. No entanto, os instrumentos musicais, dadas as especificidades, ilustram algumas funções: cordas = pregas vocais; caixa = cavidade bucal; etc. Aí vem a criatividade de tentar bolar demonstrações, ou até mesmo improvisar com materiais diferentes tais como latas, imitando cavidade; látex de bexiga, imitando as pregas vocais... usar barbante ou cordas para demonstrar a propagação das ondas. Você pode usar *softwares* que fazem análises acústicas, usar os celulares para mudar a voz etc. Isso serve como um aquecimento e então, após todas essas possibilidades de entender os sons, introduzir conceitos de pares opostos. E o mais importante de tudo, nós podemos ser nosso próprio laboratório de

linguagem! Essas sugestões que dei podem ser úteis para aquecer e preparar a aprendizagem de conceitos mais complexos. Lembre-se de que falar é tão natural quanto respirar. Por isso, lançar um olhar científico e investigativo demanda sensibilização. Vamos para mais uma experiência frustrada da tia Eulália: quando eu tinha oito anos e a professora dizia “isso é consoante e isso é vogal” para mim eram só as letras que recebiam essa etiqueta e então eu me esforçava para memorizar as diferenças entre as cinco vogais, ou melhor, dos cinco grafemas que representam apenas uma parte das vogais que realizamos em português, depois os outros vinte e um grafemas sem me dar conta de que grafema e fone são coisas distintas. E daí, começam as confusões conceituais e dúvidas: o que eu faço com o “H” que não tem som? Opa... espera, mas ele tem som depois do “C”, mas o som não é dele, é o som do “X”! Que coisa maluca essa língua!” Crianças ficam indignadas quando suas deduções lógicas são desmontadas por “exceções”, elas perdem a confiança no sistema como um todo. Então é melhor mostrar a coisa como ela é, e pode ficar tranquilo que as crianças entendem e aceitam melhor a ciência em sua lógica do que a mera acomodação dos conteúdos às conveniências. Mostre que o sistema escrito é uma convenção antiga e que não pode ser mudado ao longo do tempo. Mostre que isso é história e tem um porquê. Mostre textos antigos com versões diferentes da mesma palavra, isso tudo pode ser acessado pela Internet ou em livros de história do português. E com esse exemplo, eu me oponho à ideia pré-concebida de que crianças e adolescentes não entendem coisas complexas. Na verdade, o problema é o caminho para se chegar a essas coisas complexas. Você conhece o físico Marcelo Gleiser? Ele é um grande exemplo de como traduzir conceitos complexos da física e da astrofísica, sem perder a essência do fenômeno. Por que não podemos fazer isso com fenômenos linguísticos? Quanto à sua última ideia pré-concebida, “se foi difícil para você vai ser difícil para seus alunos”, pense que você deve se esforçar agora para aprender junto com eles. Quando preparamos aulas e estamos dispostos a novas ideias, às vezes elas vêm em forma de “insights”, então isso pode ficar claro para você agora, mesmo que no passado não tinha sido, mas para isso, muitas vezes, temos de trabalhar duro. Ah... eu ia me esquecendo: lembre-se de que dentre os seus alunos vão existir aqueles que entenderão conceitos complexos de forma abstrata, mas também aqueles que necessitarão de artifícios mais concretos e de simplificações. A aula diversificada de métodos e instrumentos busca ter o maior escopo possível de indivíduos. Não espere sucesso pleno, isso é absurdamente

impossível, mas espere resultados melhores. Resultados modestos não significam ruínas, nem inconsistentes.

Cândido: Essa conversa me deixa cansado só de ouvir, porque minha impressão é que sobra um fardo terrível nas nossas costas, como se tivéssemos de inventar a roda todos os dias, ser criativos, ir além do que se espera. E o programa então?! Como cumpri-lo? As escolas têm um projeto e um programa, não posso interrompê-los. Afinal de contas, os alunos precisam adquirir várias noções gramaticais, produção de texto, leitura... E eu sinto esse descompasso entre a escola e aquilo que fomos ensinados na graduação. Eu sei de todas questões que vão da sociolinguística até a leitura e à produção textual, mas o quê fazer quando escola e pais esperam outras coisas da gente?

Eulália: Eu acredito que um programa não é algo perfeito, que vai conter todos os assuntos, temas, subtemas etc. Existirão lacunas, coisas em excesso, coisas não muito pertinentes e também coisas boas que podem ser aprimoradas. Sabe o que eu sinto na sua pergunta? Um anseio por receitas, como fez agora há pouco, e acreditar que a escola e a sala de aula são lugares do pré-determinado, da linha de produção, do previsível. Você espera um mundo ideal do “eu ensino e você aprende”, simples, mecânico e pronto. Mas eu não te culpo por isso, porque a escola ainda tem muito do modelo mecanicista da repetição, mas não quero discutir isso porque parece que estou “chutando o gato morto”. Eu quero que você entenda que é possível desenvolver o programa nas coisas boas, subverter os equívocos e, enfim, ensinar linguística para não linguistas serem bons conhecedores da língua e das línguas. Bem, eu nunca tive a oportunidade de fazer isso, mas tive um *insight* um dia desses e imaginei o seguinte: que tal desafiar seus alunos a criarem uma língua? Parece meio absurdo, mas existem centenas de línguas criadas para diferentes fins. Por exemplo, para o cinema e televisão foi criado o *klíngon*; na literatura foi criada a língua élfica; para fins comunicacionais, motivado por ideologias igualitárias, surgiu o esperanto. Então a minha intuição é que os alunos, ao criarem uma língua nova, vão se basear na sua língua materna e seguir uma espécie de procedimento, como inventar palavras, trocar a ordem dos sintagmas etc, mas mantendo estruturas iniciais. Assim, as estruturas passam a ser herdadas da língua materna na língua inventada, e então será a hora de dar o bote. Quando parte da língua estiver estruturada, será possível ver que eles seguiram intuições fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas. É claro que eles precisarão fazer uma língua verossímil, não meramente criar palavras. A ideia então é que intuitivamente eles possam criar estruturas que sejam similares a uma língua natural e desse modo é

possível fazer os *links* com todos os níveis de análise até que eles possam produzir um pequeno texto na língua inventada. A partir disso, comparações entre as estruturas do português e dessa língua podem ser feitas e alguns fenômenos, com certeza, serão bem ilustrados. Eles podem brincar com sons, estruturas, grafemas, se divertirem com mensagens trocadas por diferentes grupos, ao mesmo tempo em que conceitos importantes vão sendo explicitados. Quanto ao programa, temos de pensar que essa atividade pode ser adaptada a qualquer programa, então você poderá mostrar todos os níveis de análise. Mas por favor, não ouça minhas palavras como um manual de procedimentos, elas são apenas sugestões para que você possa alçar voo sozinho. Pegue uma ideia aqui, outra ali e crie suas aulas.

Cândido: Eu entendi, isso deve ser muito interessante para se tratar da estrutura, mas a Língua Portuguesa na sala de aula envolve leitura e interpretação de texto, até literatura. Como dar conta de tudo isso?

Eulália: Caímos novamente no ensino burocrático: dar conta... concluir a linha de montagem, completar, terminar etc. Eu prefiro que um estudante entenda o mínimo do Modernismo Brasileiro ao invés de ver todos os movimentos literários como se fossem um turbilhão. Veja que não somos depositadores de conteúdo. Devemos estimular a aprendizagem dos conteúdos e essa escola perfeita que vai ensinar todos os conteúdos mínimos necessários e que os alunos vão aprender esses conteúdos mínimos necessários é uma grande ilusão. Então vamos falar de texto, escrito e oral e depois vamos falar de literatura. Há uma infinidade de pesquisadores com diferentes abordagens sobre ensino de leitura e produção textual, busque neles inspiração. Uma coisa é certa, sem ler e sem produzir textos é impossível aprimorar essas habilidades. O professor precisa provocar as leituras, precisa instigar, visitar as bibliotecas com os alunos. As pessoas sempre me dizem: “Eu não gosto de ler”, ou “Odeio ler”. Isso porque há pessoas que odeiam e pessoas que amam? Tenho poucos palpites sobre isso, mas acredito que as pessoas que declaram odiar ler tiveram uma experiência nada gratificante com a leitura. E a minha dica para quem não gosta de ler é “vá para a livraria ou biblioteca apenas para se perder entre as estantes, e um livro irá lhe resgatar”. Passear entre as prateleiras é uma experiência curiosa. De repente um livro salta aos seus olhos e lhe seduz. Vá à biblioteca com os seus alunos, crie um dia da leitura, crie um ambiente de prazer para a leitura. Isso não custa muito. Compartilhe textos nas redes sociais com eles, peça comentários, analise comentários, use as redes como suporte para atividades ao invés de dizer que elas atrapalham a educação. Promova debates, pode até

ser o debate do lugar-comum: “Capitu traiu ou não Bentinho?”. Onde foram parar os debates na escola? Por que são poucas as oportunidades da expressão oral atrelada à escrita? Como conduzir entrevistas? Como escrever um texto de comercial de TV? Nossos alunos sabem como é feito um filme em seus detalhes? Veja quanta coisa a ser descoberta e ligada com a literatura e a leitura. Mas quem nossos alunos estão “lendo”? “Ah, professora,” você irá dizer, “eles não leem, só vão para as redes sociais e ouvem música de baixa qualidade e assistem a filmes de ação”. Eu diria a você que ninguém escapa do *pop*, como diriam os Engenheiros do Havaí. Vou lhe dizer uma coisa: o mundo *pop* é só a consequência de uma longa história da própria democratização de muitos bens culturais. Super-heróis são como semi-deuses da cultura clássica; Menestreis são uma espécie de “rappers” da Idade Média, e o melhor de tudo: os sentimentos são os mesmos de há cinco mil anos atrás. Amor, ódio, inveja, paixão, vaidade, honra, ganância, fidelidade... tudo isso moveu a literatura desde Aquiles na “*Iliada*” até “50 tons de cinza”. Entrar no mundo das crianças e adolescentes é um convite para que eles também entrem no “nosso mundo”, ou seja, que eles possam criar paralelos entre os grandes temas da humanidade que se encontram em todos os tipos de leitura. Depois de conquistar o gosto pela leitura, então podemos discutir o cânone pedido nos cursos, no curriculum etc. Vou contar mais uma história da tia Eulália. Prometo que vai ser a última. No início da minha carreira, eu dava aula para uma turma de sexto ano. Eu tive que motivar meus alunos a lerem os chamados livros paradidáticos, eu mesma nunca tinha lido um sequer. Mas era a meta da escola que os alunos lessem. Tive que ler sete em uma semana. Pois bem, dividi a turma em equipes e sorteei os livros e disse que cada equipe era uma agência publicitária e o grande objetivo era convencer as pessoas das outras equipes que seus livros eram interessantes. Então cada equipe teria que criar cartazes, um anúncio para TV, um outdoor. Eu pude perceber coisas emocionantes: equipes que incorporaram o tema, funcionaram como agências publicitárias, estudando os detalhes do seu livro e promovendo-os com textos e encenações para trinta segundos de comercial com bastante dedicação. Vi também aquelas equipes que se comprometeram apenas em cumprir a tarefa, e aquelas que fizeram menos que o mínimo. Eu achava que todos iriam se interessar integralmente. Afinal, as atividades eram boas, aconteciam fora da sala de aula, eram desafiadoras... mas nem todos compraram a ideia. No entanto, aqueles que compraram valeram por todos os demais, e alguém talvez ainda hoje tenha algum lampejo de memória daquela época. Perceba você que os recursos eram limitados, hoje em dia nossos alunos têm

smartphones melhores que os nossos. Além disso, às vezes a falta de recursos pode ser motivadora para criativos improvisos ou simplesmente fazer a gente aproveitar o que se tem. Não estou defendendo escolas sucateadas, mas nem sempre ter recursos materiais é suficiente. Já vi escola com ótimo laboratório de informática, mas o despreparo dos professores para usá-lo impedia o trabalho. Tudo isso de aparato técnico dá certo, mas tem que planejar e executar de forma adequada. Sei que muitas pessoas se colocam contra essa ideia dizendo coisas como “se a gente ficar improvisando tudo, quer dizer que as coisas nunca vão melhorar porque os resultados positivos podem desmobilizar a busca da melhoria”. Isso é bastante falacioso, além de uma boa desculpa para não usar a criatividade na escola. Se você não busca alternativas porque elas podem ter sucesso é o mesmo que dizer que não vai estancar o sangue de um paciente com cola porque se der certo o SUS não manda mais recursos para sutura. Então deixamos o paciente morrer para ter mais medicamentos?! Os estudantes não são culpados pela falta de recursos, má administração escolar, e pela nossa exaustiva carga-horária. Eles e nós somos vítimas, então devemos exigir nos foros adequados: sindicatos, associações, poder legislativo, pressão nas secretarias etc. Graças às democracias, os governos passam cada qual com suas prioridades, mas os estudantes sempre estarão lá esperando por nós. Nesse caso, a nossa missão é ensinar Português, mas não aquele dos velhos tempos, que nem as necessidades dos velhos tempos supria, mas sim com visão científica, aplicada e vivida para que a expressão “dominar uma língua” faça sentido.

Cândido: Professora, mas por outro lado isso ainda não alivia o fardo, isso parece um trabalho sem fim, como eu disse... agora além do fardo que eu já carregava, ele tem que ficar caindo e eu pegando novamente.

Eulália: Acho que você está tomando muito cafezinho na sala dos professores, precisa talvez se sentar na calçada com seus alunos, conversar com eles e deixar esse amargor de lado. A mitologia grega ilustrou esse sentimento de trabalho inconcluso em algumas situações. Como, por exemplo, o castigo infligido ao salteador Sísifo que foi obrigado a carregar uma grande rocha até o topo da montanha e toda vez que ele ia colocá-la no topo ela rolava ladeira abaixo e todo o trabalho recomeçava. Ou então, as quarenta e nove Danaides condenadas a encher um tonel de água furado. Mas isso era castigo, e ensinar não é castigo é uma profissão, e como em todas as demais você pode amar certas coisas e odiar outras. Quem disse que tudo isso precisa ter fim? Realmente, ensinar não tem fim porque aprender não tem fim, e a única coisa que nos move só pode ser o prazer da jornada. Sei que parece piegas o que estou dizendo agora. Se a docência

está ruim para você, procure outro emprego. Mas se você a ama e ela tem significado, procure lutar por ela sendo um ótimo professor e um excelente colega para os demais.

Candido: Depois dessas últimas palavras, até me sinto mais encorajado, mais motivado para retomar minha experiência positivamente. Qual o primeiro passo para transformar essa realidade?

Eulália: ...

Como referenciar este artigo

CONDE, Dirceu Cléber. Sobre o que nem sempre encontramos em artigos e livros que tratam de ensino e seu entorno. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 251-263.